

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**PIETRA DA SILVA MESQUITA**

**RELATÓRIO SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM “PEDAÇO DE  
MIM: HISTÓRIAS DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS”**

**SÃO PAULO  
1º SEMESTRE / 2021**

**PIETRA DA SILVA MESQUITA**

**RELATÓRIO SOBRE A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM “PEDAÇO DE MIM: HISTÓRIAS DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS”**

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.Dra. Patrícia Sheila Monteiro Paixão Marcos.

**SÃO PAULO  
1º SEMESTRE / 2021**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

A todas as mães que perderam seus filhos e vivem o luto materno.

À minha mãe, minha maior inspiração da vida, ao meu tio Jorge, à minha tia Ana Paula e à vovó Janir, que tanto me ajudaram nessa caminhada acadêmica.

Finalmente, à minha irmã Carolaine e ao meu sobrinho, Noah.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustentou e me capacitou para chegar até aqui. Sem Ele, nada sou!

À minha mãe, que me ensinou a amar a comunicação e sempre me incentivou a escolher o Jornalismo. Por ela e para ela são todas as minhas conquistas.

Ao meu tio Jorge, tia Ana Paula e vovó Janir por me proporcionarem viver meu sonho e por me auxiliarem durante essa caminhada.

À minha incrível orientadora, Patrícia Paixão, que me direcionou para que esse projeto acontecesse da forma que eu imaginei, e que é uma profissional que me inspira desde o primeiro dia em que a vi na sala de aula.

Aos meus amigos, que sempre tinham uma palavra de ânimo e que acreditaram em mim. Mas, principalmente, à Amanda Pickler, Brenda Vieira, Daiana Rodrigues e Rebecca Gomes, minhas parceiras na faculdade e na vida. Elas foram as responsáveis por tudo ser mais leve, mesmo em meio ao caos. Sem elas, essa caminhada não seria tão prazerosa. Que encontro, que presente tê-las!

Aos meus professores, que foram essenciais e me fizeram amar ainda mais o jornalismo com suas aulas tão necessárias e inspiradoras.

Agradeço também à Thalita Vitoria O. Santos, que foi tão dedicada na diagramação e ilustração de “Pedaço de Mim: histórias de mãe que perderam seus filhos”.

Por fim, todo meu apoio, respeito, admiração e gratidão às mães entrevistadas. Este livro é de vocês e de todas as mães que perderam seus filhos. A força e o amor que vocês me ensinaram eu levarei para sempre.

“Oh, pedaço de mim! Oh, metade arrancada de mim! Levo o vulto teu, que a saudade é o revés de um parto, a saudade é arrumar um quarto do filho que já morreu”.

(Chico Buarque, Pedaço de Mim).

## RESUMO

O presente relatório oferece um embasamento teórico para o livro-reportagem “Pedaço de Mim: histórias de mães que perderam seus filhos”, que tem como objetivo mostrar a trajetória e o sentimento de mães enlutadas, bem como compreender o processo de luto materno de forma íntima. O formato livro-reportagem, na modalidade perfil, foi utilizado para narrar de maneira mais detalhada, literária e humanizada as histórias dessas mães. A obra conta com cinco perfiladas: Débora, mãe da Ana Luiza; Geane, mãe do Isaac; Juraci, mãe do Thiago; Aracelli, mãe do Miguel; e Carolaine, mãe do Noah. Os seis capítulos que compõem o produto trazem relatos repletos de emoção e particularidade. Há também a opinião de um especialista, explicando a complexidade do processo do luto materno e trazendo um olhar profissional para o assunto. Para fundamentar a pesquisa, foram realizadas consultas a livros e artigos que falam sobre a perda de um filho, além da entrevista com um psicólogo.

**Palavras-chave:** jornalismo; livro-reportagem; mães; luto materno.

## ABSTRACT

The present report offers a theoretical basis for the report-book “Pedaço de Mim: histórias de mães que perderam seus filhos”, which aims to show the trajectory and feeling of bereaved mothers, as well as to understand the process of maternal mourning in an intimate way. The book-report format, in profile mode, was used to narrate in a more detailed, literary and humanized way the stories of these mothers. The work has five profiles: Débora, mother of Ana Luiza; Geane, Isaac's mother; Juraci, Thiago's mother; Aracelli, Miguel's mother; and Carolaine, Noah's mother. The six chapters that make up the product bring stories full of emotion and particularity. There is also the opinion of a specialist, explaining the complexity of the maternal grief process and bringing a professional look to the subject. To support the research, consultations were made with books and articles that talk about the loss of a child, in addition to the interview with a psychologist.

**Keywords:** journalism; report-book; mothers; maternal mourning.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 9  |
| 1. REFERENCIAL TEÓRICO.....                                   | 11 |
| 1.1 A complexidade do luto materno.....                       | 11 |
| 1.2 O livro-reportagem e sua potencialidade.....              | 12 |
| 1.3 Jornalismo literário como caminho para a humanização..... | 12 |
| 2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA .....                              | 15 |
| 2.1 Pré-produção.....   | 15 |
| 2.2 Produção.....   | 17 |
| 2.3 Pós-Produção.....   | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                    | 19 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                               | 20 |

## INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa embasa o Trabalho de Conclusão de Curso que teve como produto um livro-reportagem sobre mães que perderam seus filhos e vivem o luto materno. A obra retrata desde o momento em que a mãe se depara com a perda até a busca constante de uma resignificação de seu papel.

Uma pesquisa realizada em 2018 pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) apontou que 6,2 milhões de crianças menores de 15 anos morreram. Das mortes infantis, 5,3 milhões ocorreram nos primeiros 5 anos de idade, sendo que quase metade delas aconteceu no primeiro mês de vida.

Estima-se que 2,8 milhões de mulheres grávidas e recém-nascidos morram a cada ano, ou um a cada 11 segundos. O maior risco é das crianças que enfrentam a possibilidade de morrerem no primeiro mês, caso nasçam muito prematuras ou muito pequenas, ou se tiverem complicações durante o nascimento, defeitos congênitos ou infecções adquiridas. Cerca de um terço dessas mortes ocorrem no primeiro dia e quase três quartos apenas na primeira semana de vida.

A perda do filho por meio do aborto espontâneo também é recorrente. De acordo com a UNA-SUS (Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde), 20% das gestações evoluem para aborto antes de 20 semanas. Além disso, o abortamento pode ser tardio, quando ocorre após esse período.

Além desses casos, há o luto materno do filho jovem/adulto, com o qual a mãe teve mais contato. No nosso país, muitas vezes essa morte ocorre por questões relacionadas à violência. De acordo com o Atlas da Violência de 2020, 30.873 jovens entre 15 e 29 anos foram vítimas de homicídios em 2018, o que equivale a 53,3% dos registros. Em um intervalo de 10 anos, entre 2008 e 2018, houve um aumento de 13,3% nessas mortes. O número passou de 53,3 homicídios a cada 100 mil jovens para 60,4.

É certo que cada indivíduo tem uma reação à morte. Quando se trata da relação mãe e filho o assunto fica mais delicado. A Teoria do Apego, do psicanalista John Bowlby (1989), demonstra que esse vínculo criado desde a primeira infância é o elo mais importante do ser humano, o que faz o processo de luto ser mais demorado e, na maioria das vezes, traumático.

Por todas essas questões e por uma experiência pessoal esse tema foi escolhido para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Em dezembro de 2019, minha irmã perdeu um filho recém-nascido, o Noah, com 2 meses de vida. Ela ainda está em processo de luto. O acontecimento resultou em traumas para toda a família. Eu acompanhei os dois meses difíceis que meu sobrinho e minha irmã passaram no hospital, e hoje atuo como parte da rede de apoio que está ao seu lado.

Com toda essa vivência de perto, foi inevitável pensar que aquela dor também se estendia a outras mulheres e que seria muito importante tratar do assunto, com a responsabilidade de uma apuração jornalística. Os índices de abortos espontâneos, de morte de recém-nascidos e jovens fizeram com que eu percebesse que se tratava de um tema de interesse público e que, portanto, merece ser retratado.

A pergunta-problema que esta peça responde é: um livro-reportagem consegue transmitir ao leitor a difícil situação que é perder um filho, além de retratar a realidade das mães e suas fases de luto?

Para responder a essa pergunta, procurei abordar no livro as histórias das personagens, com a sensibilidade e emoção que me foram passadas nas entrevistas, e respeitando o sentimento e as características de cada uma delas.

O objetivo principal foi mostrar detalhadamente a trajetória de cada mãe enlutada, por intermédio do gênero perfil. Cinco personagens que perderam seus filhos, com idades diferentes, contaram suas histórias. São elas: Débora, mãe da Ana Luiza; Geane, mãe do Isaac; Juraci, mãe do Thiago; Aracelli, mãe do Miguel; e Carolaine, mãe do Noah.

Realizei também uma entrevista com o psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho, formado pela Universidade de São Paulo, para enriquecer o texto com um olhar profissional sobre o assunto.

O texto do livro foi desenvolvido de uma forma literária e humanizada, como forma de envolver e gerar empatia no leitor.

Apesar de ter buscado estudos sobre o tema em livros, artigos e na internet, a maior parte do conhecimento para a produção do livro foi adquirida por intermédio de entrevistas, ouvindo as mães e sentindo o que elas queriam passar com seus depoimentos.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 A complexidade do luto materno**

A reação à morte é intitulada como luto e possui diferentes fases em cada pessoa, já que é um processo muito particular. Esse período peculiar difere em cada situação, como na perda de um filho (COELHO FILHO; LIMA, 2017).

Ainda segundo Coelho Filho e Lima (2017), esse luto parental é ainda mais complexo devido à ordem cronológica, já que há a inversão do curso natural da vida. Além disso, de acordo com Borges (2017), o vínculo materno é algo criado antes mesmo do parto ou até mesmo da gestação, uma vez que parte da idealização da mulher construir a possibilidade de se tornar mãe. Quando há essa perda, existe uma ruptura no futuro de uma mãe e um sumiço de parte da mesma. É a partir daí que começa o processo de luto e os mais diversos sentimentos que a preenchem devido à morte (FREITAS; MICHEL, 2014).

Todo esse luto é uma busca constante para a elaboração de uma identidade, já que há uma mudança drástica na vida da mãe e todo um vazio físico e existencial passa a acontecer (COELHO FILHO; LIMA, 2017).

Esse processo consiste em fases que a mãe vive até achar seu estado de aceitação, que é quando ela ainda sente a perda, mas continua vivendo buscando forças para enfrentar o dia a dia. Assim, diversos fatores entram para ajudá-la nesse período como uma rede de apoio disponível, a história de vida do enlutado, suas crenças. (FREITAS; MICHEL, 2014)

Ainda assim, fatores como vínculo, idade do filho no momento da perda, circunstâncias da perda fazem desse momento algo muito particular, em que o luto e as suas fases agem de forma diferentes podendo fazer com que o estágio de superação demore ou não a chegar, se é que ele chega (COELHO FILHO; LIMA, 2017).

## **1.2 O livro-reportagem e sua potencialidade**

O livro-reportagem é uma das mídias mais ricas para o desenvolvimento de temas complexos e delicados, devido às suas características que permitem a experimentação, o aprofundamento da abordagem e a construção da narrativa. Além disso, é um instrumento que abre espaço para abordagens de maior durabilidade, que traz um cunho jornalístico e ao mesmo tempo um mergulho nos fatos (BELO, 2006).

Esse produto chegou transmitindo ao leitor a sensação de fazer parte da história com a quebra da pirâmide invertida e uma riqueza de detalhes, uma maneira de fisgar o público (ROCHA; XAVIER, 2013).

Para Pereira (2006), o livro-reportagem, além de levantar informações e narrar histórias reais, não segue necessariamente as normas do discurso jornalístico. Há uma narrativa mais leve, sem o estilo seco e duro dos jornais diários.

Além disso, tem o papel de auxiliar na construção de sentidos e, com seus desdobramentos, pode oferecer novas abordagens e contexto para determinados fatos (ROCHA; XAVIER, 2013).

Lima (2009) também fala sobre a quebra de padrão que o livro-reportagem traz. Segundo ele, há uma face dinâmica, mas ele também não abandona completamente o jornalismo, é um subsistema do mesmo.

Com esse produto, narrar o que acontece (ou o que aconteceu) ganha outro significado, dando ao jornalista a capacidade de compreender e, assim, transmitir o assunto de forma significativa para o leitor (PEREIRA, 2006).

## **1.3 Jornalismo literário como caminho para a humanização**

Bastante empregado na mídia livro-reportagem, o jornalismo literário representa uma quebra no jornalismo tradicional, marcado pela produção rápida e por textos mais objetivos, frios e superficiais (MARTINEZ, 2009).

Para Castro (2010), usar esse gênero é trabalhar com um conhecimento narrativo capaz de expandir melhor o assunto abordado, envolvendo o leitor.

Oliveira (2006) avaliza a opinião de Castro. Segundo ele, é com as características do jornalismo literário (como a subjetividade, a produção mais

aprofundada e detalhista e a humanização dos personagens) que o leitor tende a mergulhar na história, ficando cada vez mais seduzido.

Para que todo esse efeito aconteça, esse gênero não hesita em utilizar diferentes recursos da literatura. Pode-se considerar uma linguagem livre, usada para aprofundar a reportagem (CASTRO, 2010).

Para Martinez (2009), o jornalismo literário potencializa os recursos do jornalismo, ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos, proporciona visões amplas da realidade, exerce plenamente a cidadania, rompe as correntes burocráticas da lide, evita os definidores primários e, principalmente, garante perenidade e profundidade aos relatos.

As quatro características do chamado “novo jornalismo”<sup>1</sup>, destacadas pelo jornalista Tom Wolfe, no livro “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, explicam bem a linguagem do jornalismo literário, que leva o leitor a visualizar o fato narrado, como se estivesse presente no local do acontecimento.

Segundo Wolfe (2005), para que esses recursos sejam mostrados é necessário que o autor utilize a narração cena a cena e o uso de diálogos, já que o diálogo realista envolve muito mais o leitor e constrói o personagem mais rápido. Além disso, outro recurso utilizado é a mudança do foco narrativo, ou seja, apresentar a cena com o olhar de um personagem específico para que dessa forma o leitor tenha a sensação de estar dentro da cabeça do personagem. E a última característica, destacada por Wolfe, é a observação do personagem para que haja o registro dos gestos, dos hábitos, dos costumes. Assim a realidade fica mais próxima do leitor e o poder da atração fica ainda maior, construindo também algo mais humanizado.

O jornalismo humanizado começa, antes de tudo, no jornalista, quando ele visualiza uma linha narrativa, uma história para contar, uma contextualização e tem mais do que apenas o conhecimento do assunto. (IJUIM, 2016).

Ijuim e Urquiza (2009) falam que para esse tipo de jornalismo acontecer é necessário o “faro jornalístico”, que é quando o repórter adiciona a sua sensibilidade à experiência acumulada; trata-se da capacidade de estabelecer conexões e até um “sexto sentido”.

---

<sup>1</sup> O *new journalism* foi um movimento que surgiu nos anos 60 nos EUA de forma espontânea, com diferentes jornalistas produzindo textos de forma inovadora, rompendo com a pirâmide invertida, por exemplo com o emprego de recursos da literatura.

Isso significa sair do padrão e ir a fundo, trazendo uma razão para a realidade contada. Para isso, Ijuim e Urquiza (2009) falam que o jornalista precisa ter um contato maior com o entrevistado, ouvir, ver, tocar e sentir. Assim ampliará os questionamentos, sem qualquer pré-conceito, tendo a certeza de que está reportando o ser humano.

Alves e Sebrian (2008) também falam sobre esse contato com a fonte em que se exige uma observação e uma percepção. Para eles, é necessário ir além do “dar a notícia” para que haja uma compreensão dos fenômenos sociais. Com isso, o jornalismo humanizado não se limita a mostrar a parte sensível, mas frisar a essência de toda uma causa.

Além disso, possibilita ao leitor ampliar o conhecimento, uma vez que esse conteúdo tem uma narrativa capaz de mexer com a vida das pessoas e oferece a elas uma visão de mundo mais ampla. Ao utilizar o jornalismo humanizado, o público presencia não só uma história contada, mas a compreensão das ações humanas (IJUIM, 2016).

## 2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

### 2.1 Pré-produção

Os primeiros passos para a apuração deste livro-reportagem foram dados por meio de uma pesquisa na internet para entender mais sobre o assunto e, assim, começar a planejar o trabalho. Ao ler que um dos fatores que torna o processo de luto materno algo muito particular e mais difícil é a idade do filho no momento da perda (COELHO FILHO; LIMA, 2017), decidi ir atrás de mães que perderam seus filhos em diferentes idades.

A partir daí, projetei os capítulos do livro com a trajetória de mães que sofreram aborto espontâneo, mães que perderam seus filhos em UTI (Unidade de Terapia Intensiva) Neonatal, mães que perderam seus filhos quando eles eram crianças e mães que perderam seus filhos já adultos.

Com a estrutura do livro-reportagem montada, comecei a ir atrás das fontes. Consegui, através de uma amiga, o contato de Débora, minha primeira entrevistada. Débora perdeu sua filha ainda criança, na véspera do Natal, uma data marcada justamente pela união da família. Uma história bastante forte, de uma mulher igualmente forte, que aceitou abrir seu coração para mim. Depois, pesquisando na internet, conheci a história de Juraci, que topou conversar comigo. Ela perdeu seu filho adulto, prestes a se casar. Ele foi cruelmente assassinado e Juraci, desde então, passou a lutar por justiça. Geane não iria participar do livro, mas durante um dia de trabalho (ela trabalha na minha casa) contou que tinha perdido um filho de aborto espontâneo, no final da gravidez, após levar um susto, e eu senti que a história dela precisava também ser narrada. Fui pega de surpresa, já que a conhecia há anos e não sabia desse ocorrido. Naquele momento, achei essencial chamá-la para ser personagem do meu livro, uma vez que seu relato também mostra toda uma questão social.

Com Aracelli também foi algo repentino e nada planejado, já que eu estava tentando convencer uma outra mãe a participar do livro. Porém, durante uma ida ao shopping com Marcele, minha professora de Literatura do Ensino Médio, surgiu o assunto TCC e, ao falar sobre o meu tema, ela me passou o contato de Aracelli, que era sua amiga e que tinha escrito um livro sobre sua experiência com o luto materno



(ela perdeu seu bebê na UTI Neonatal). No mesmo momento senti que ela precisava fazer parte da obra.

A Carolaine, minha irmã, eu já tinha em mente de ser uma das personagens desde que tive a ideia do tema, afinal de contas, foi por conta dela que tive a inspiração para pensar nessa temática e ir atrás de concretizar esse projeto. Então, desde sempre ela fez parte do livro-reportagem.

Por fim, senti a necessidade de chamar um psicólogo para falar sobre o processo de luto materno e trazer um olhar profissional para o livro. Por trabalhar na editora Caras, que é composta por várias revistas que vão do entretenimento a saúde, pedi a Cirlene, responsável pelas pautas, para me ajudar. Ela conseguiu o contato do psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho, que foi muito gentil ao saber do projeto e do tema.

Com as fontes em mãos, iniciei o processo de entrevistas, que ocorreram por meio da plataforma Zoom por conta da pandemia da Covid-19. A minha vontade era encontrar cada mãe para conversar, mas, como não foi possível, insisti na chamada de vídeo. Vi a necessidade de olhar para cada uma e sentir a emoção que elas passavam ao contar sobre suas perdas.

A primeira entrevista realizada foi com Débora e durou cerca de uma hora. Ao mesmo tempo que ela queria falar sobre o assunto, percebi que ao perguntar detalhes ela se sentia desconfortável e tinha um pouco de pressa em terminar a entrevista. Ainda assim, me passou uma emoção absurda em seu relato.

Geane foi a segunda entrevistada e a única que conversou comigo presencialmente, após seu expediente de trabalho aqui em casa. Foi uma conversa muito espontânea e que me mostrou um conforto enquanto ela falava, mas um pouco curta se comparada com às das outras mães, já que durou 40 minutos. Ainda assim, Geane me passou muitos detalhes.

Em seguida foi a vez de falar com Juraci que desmarcou duas entrevistas comigo por conta da sua saúde. Na terceira vez em que nos falamos a conversa aconteceu e teve a duração de mais de uma hora. Durante seu relato, percebi revolta e uma dor absurda, mas, ao mesmo tempo, uma necessidade de falar sobre o que aconteceu com o seu filho.

Aracelli foi a quarta entrevistada e foi a que conversou comigo durante mais tempo. Nosso papo durou mais de três horas e seu relato teve muitos detalhes e me

trouxe um entendimento a mais sobre o assunto, já que ela também tinha escrito um livro sobre sua perda e fazia parte de grupos de mães que perderam seus filhos.

Por último, entrevistei Carolaine depois de tanto ela resistir. Parecia que ela tinha um bloqueio para falar sobre esse assunto. Fiquei mais de seis meses falando que precisava do relato dela e ela sempre fugia, por isso resolvi adiantar as outras entrevistas e a deixei por último. E foi a melhor coisa que fiz. Ao entrevistá-la depois de um tempo insistindo, encontrei uma Carolaine mais madura e preparada para falar sobre esse assunto. Foi a primeira vez que conversamos abertamente sobre sua perda. Conversa essa que durou umas duas horas e me fez saber mais detalhes, mesmo eu tendo acompanhado tudo de perto.

Com Ronaldo Coelho a entrevista não aconteceu por vídeo chamada por conta da falta de disponibilidade dele e, também porque não achei necessário insistir em uma entrevista pelo Zoom, já que ele não seria um personagem do livro. Conversamos, então, pelo WhatsApp e ele respondeu às minhas perguntas por lá, tirando todas as dúvidas.

## **2.2 Produção**

Resolvi estruturar o livro de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas, mas sempre tive em mente de encerrá-lo com a história da Carolaine, já que dediquei o livro a ela.

A ideia foi trazer a particularidade do luto vivido por cada uma das cinco perfiladas. Mostrar que o processo de luto varia de mãe para mãe, apesar de contar com alguns sentimentos e etapas comuns.

Para narrar as histórias, escolhi uma linguagem fora dos padrões do jornalismo tradicional e mais focada na mistura entre o gênero literário e o estilo que os autores da minha fundamentação teórica chamam de jornalismo humanizado. A ideia foi fazer com que os textos fossem envolventes, dando uma sensibilidade ao produto e transmitindo ao leitor a sensação de fazer parte da história.

Nesse sentido, usei algumas características do jornalismo literário citadas por Tom Wolfe, conforme falado no referencial teórico. Usei alguns recursos como a narração cena a cena, o diálogo realista, com foco no personagem, além da prática da observação para que a experiência dos personagens fosse contada com riqueza

de detalhes e aprofundamento dos seus sentimentos. E já que o produto nos permite transitar entre o passado e o presente, foi passada toda trajetória das mães enlutadas até o seu momento atual, com um tom bem detalhado.

Para o leitor se sentir ainda mais envolvido e empático com as histórias, resolvi colocar as fotos das mães com seus filhos, no final de cada capítulo, menos a de Geane, pelo fato dela não ter imagem registrada de sua gestação.

### **2.3 Pós-Produção**

Após escrever o livro, fui atrás da diagramação e ilustração. A tarefa, agora, era criar toda uma identidade visual. Encontrei, então, Thalita Vitoria O. Santos, que entendeu o meu olhar para fazer o livro do jeito que eu queria.

De primeira, pensamos em escolher cores fortes e marcantes, mas depois de uma conversa sobre o tema e a função do livro, achamos que essa escolha traria um ar de dor e medo para o leitor antes mesmo dele ler. Partindo disso, optamos por uma paleta de cores voltada para o pastel, algo mais suave, com uma sensação de conforto e de ajuda ao leitor, já que esse é o objetivo do livro.

Decidi com Thalita que também seria interessante, para dar ainda mais sensibilidade à temática, trazer uma ilustração de cada mãe com o seu filho no começo de cada capítulo. A ilustração foi feita inspirando-se na foto que encerra o capítulo. Assim, o leitor compreende o livro com o passar de cada página. Vale ressaltar que as ilustrações são delicadas e em forma de desenho mesmo, mais uma vez trazendo a sensação de conforto e leveza para um assunto tão pesado.

Além disso, há um detalhe no livro que faz o leitor remeter ao nome da obra. Ao final de cada página, colocamos uma flor com seis pétalas que vai se desfazendo em cada história, como se cada mãe fosse perdendo um pedaço de si.

O nome do livro “Pedaço de Mim: histórias de mães que perderam seus filhos” foi escolhido devido à música “Pedaço de Mim”, de Chico Buarque, que fala sobre perda e saudade. Além disso, esse nome se concretizou ainda mais com as histórias que compõem o livro, uma vez que as mães relatam que, ao perderem seus filhos, elas perderam um pedaço delas. Já o subtítulo “Histórias de mães que perderam seus filhos” foi escolhido como uma forma de identificar melhor a temática do livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este livro sobre luto materno foi uma grande experiência para mim, tanto na minha vida acadêmica quanto pessoal. Me vi uma Pietra mais empática, sensível e disposta a ser uma rede de apoio melhor para minha irmã.

Com as entrevistas e o contato de perto com cada mãe entrevistada vi a dor imensurável de perto, mas também uma força que me fez querer concretizar ainda mais esse projeto.

Além disso, adquiri relações que ultrapassaram o Trabalho de Conclusão de Curso e me deram uma oportunidade profissional incrível. Aracelli, meses depois de me conceder a entrevista, foi chamada para apresentar um programa, de uma emissora em Portugal, que falará sobre luto materno. Ela me procurou e me convidou para se a editora do programa.

No mesmo momento, aceitei o convite. Me conectei tanto com a temática que não podia dizer “não”. Já estamos trabalhando juntas e em cada programa lembro o quanto falar sobre o processo de luto materno é importante.

Concluo este livro-reportagem feliz por acreditar ter conseguido responder à pergunta-problema, ao dar voz a essas mães que se permitiram contar suas histórias, suas realidades, suas fases de luto, mesmo em meio à dor, para ajudar outras mulheres que passam pelo mesmo processo e para fazer o leitor compreender essa difícil situação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado**: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, IX, 2008, Guarapuava. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.

CASELLATO, Gabriela. **Dor silenciosa ou dor silenciada?** Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. [S.l.]: Pollo Books, 2013.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário**: uma introdução. [S.l.]: Casa das Musas, 2010.

COELHO FILHO, João Ferreira; LIMA, Deyseane Maria de Araújo. **Luto parental e construção identitária**: compreendendo o processo após a perda do filho. *Psicologia Argumento*, [S.l.], v. 35, n. 88, p. 1-17, jan. 2017.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem**: Guia Prático Para Profissionais e Estudantes de Jornalismo. [S.l.]: Alínea, 2017.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Teoria do apego**: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arq. bras. psicol.*, [S.l.], v. 57, n.1, p. 12-24, 2005.

FREITAS, Joanneliese Lucas de; MICHEL, Luís Henrique Fuck. **A maior dor do mundo**: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 273-283, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-737222324010>. Acesso em: 20 fev. 2021.

FREITAS, Neli Klix. **Luto materno e psicoterapia breve**. [S.l.]: Summus, 2000.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Sobre o Jornalismo Humanizado**. [Entrevista concedida a] Suzana Rozendo Bortoli. *Revista Alterjor*, São Paulo, p 1-9, jan. 2016.

\_\_\_\_\_; URQUIZA, Moema Guedes. Autoria e humanização em Neide Duarte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 1-13, jul. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p85>. Acesso em: 5 abr. 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. [S.l.]: Manole, 2008.

LOPES, Beatriz Gonçalves. *et al.* Luto materno: dor e enfrentamento da perda de um bebê. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 307-313, ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.2017000300004>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 1-13, jul. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p71>. Acesso em: 13 fev. 2021.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário**: como o livro-reportagem transforma um fato em história. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Faculdade Social da Bahia, [S.l.], 2005.

PEDROSO, Carina dos Santos. **Livro-Reportagem**: propostas para um jornalismo humanizado. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**. Revista USP, São Paulo, p. 1-17, dez. 2006.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, v. 7, n. 14, p. 138-157, dez. 2013.

SOARES, Edirrah Gorett Bucar; MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. **Conversando Sobre o Luto**. S.l: Agora, 2013.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. S.l: Companhia da Letras, 2005.